

ASSIS BRASIL  
Ilustrações  
HILTON MERCADANTE

# Os Desafios do Rebelde



5ª edição  
8ª tiragem  
2014

Conforme a nova ortografia

 **Editora  
Saraiva**

*Editor:* CLÁUDIA ABELING-SZABO

*Preparação de texto:* CARMEM TERESA SIMÕES COSTA

*Suplemento de trabalho:* MÁRCIA MAISA PELACHIM

*Supervisão de revisão:* LIVIA MARIA GIORGIO

*Edição de arte:* NAIR DE MEDEIROS BARBOSA

*Supervisão de arte:* JOÃO BATISTA RIBEIRO FILHO

*Impressão e acabamento:*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Brasil, Assis 1932 –

Os desafios do rebelde — Assis Brasil ; ilustrações de Hilton Mercadante. — São Paulo : Saraiva, 1998. — (Coleção Jabuti)

ISBN 978-85-02-02000-9

ISBN 978-85-02-02001-6 (professor)

1. Literatura infantojuvenil I. Mercadante, Hilton. II. Título III. Série.

96-2414

CDD-028.5

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5



---

Rua Henrique Schaumann, 270  
CEP 05413-010 – Pinheiros – São Paulo

**SAC** | 0800-0117875  
De 2ª a 6ª, das 8h30 às 19h30  
[www.editorasaraiva.com.br/contato](http://www.editorasaraiva.com.br/contato)

---

*A sabedoria é para proteção,  
assim como o dinheiro é para  
proteção, mas a vantagem do  
conhecimento é que a própria  
sabedoria preserva vivos os que  
a possuem.*

Eclesiastes, 7, 12

*Quem anda com pessoas sábias  
tornar-se-á sábio, mas irá mal  
com aqueles que têm tratos  
com os estúpidos.*

Provérbios, 13, 20



# 1

Quando eu não estava viajando pela floresta, pegando um ou outro trabalho, na variedade da minha profissão de guia e caçador, parava por algum tempo em Cuiabá, ou num sítio de um amigo, seu Terto da Conceição, ou ia até a fazenda do coronel Menezes, nas cercanias da cidade. E novo trabalho ou descanso eu sempre encontrava.

O coronel Menezes, fazendeiro de muitas posses, a cuja fazenda me dirigia agora, já me dera muito serviço, desde o de guiar um arqueólogo, doutor Levilier, à incumbência de caçar uma onça-canguçu negra que estava dizimando os seus rebanhos de gado.

Eu queria agora não só notícias do meu amigo arqueólogo, como também saber das possibilidades de permanecer por algum tempo na fazenda cuidando das reses, numa vida mais mansa do que viajar pelo ermo da floresta. Mas o que eu iria encontrar, na casa do fazendeiro, fugia a qualquer expectativa de minha parte, mesmo que esperasse a coisa mais estranha e incomum.

O coronel Menezes me recebeu com muitas festas, como sempre. Era uma pessoa cordata e trabalhadora, embora ciente de que criar gado no Mato Grosso era uma luta quase mortal contra a natureza e o próprio homem.

— Há muito interesse mesquinho por aqui, Gavião Vaqueiro — ele me dissera um dia. — Às vezes a gente entra por uma porta e não sabe mais como atravessá-la de volta.

As notícias que tive do doutor Levilier eram, no mínimo, curiosas. Apaixonado pela floresta Amazônica — “último reduto para a aventura e o conhecimento”, como dizia — já tendo feito muitas pesquisas e excursões, agora tinha metido na cabeça que ainda existiam dinossauros vivos na região.

— Vivos, coronel? — assustei-me.



— É... e ele quer procurar os bichos — disse o fazendeiro, divertido com o assunto. — Há um instituto nos Estados Unidos que oferece uma fortuna a quem encontrar um dinossauro vivo.

— E o homem, coronel, já está à caça de algum dinossauro?

— Ainda não. Viajou a Brasília à procura de financiamento para sua nova viagem pela selva.

— Já estive em algumas excursões com o doutor Levilier, coronel — eu disse. — Do ouro do rei Salomão, perdido na mata, à procura de um dinossauro vivo é uma distância muito grande. Acho que ele está piorando da cabeça.

Achamos muita graça naquele entardecer no alpendre da casa-grande do coronel Menezes. Mas, depois das amenidades e de um bom jantar de carne-seca e feijão preto, quando compartilhamos a mesa com a filha do coronel, Celina, que eu já conhecia, o fazendeiro levantou o problema.

— Não estava pensando em você, Gavião Vaqueiro — ele disse. — Mas já que está aqui, que apareceu assim de repente...

Ele estava tendo problemas com o neto, um garoto de catorze anos. Criado com todas as regalias no Rio de Janeiro, filho de um executivo de uma grande empresa, José Eduardo já dera muito trabalho a toda a família.

— Se o pai não teve tempo de criá-lo, muito menos a mãe — disse Celina, referindo-se à irmã. — Então Netinho, é assim que o chamamos, foi criado de rédea solta, tendo tudo à mão.

— Dinheiro, viagens, bons colégios, sem nunca lhe ensinarem o valor das coisas... Esse foi o erro maior dos pais — acrescentou o coronel. — E Netinho acabou se misturando com todo tipo de gente. Já foi expulso de três colégios e recentemente esteve envolvido com a polícia por causa de drogas.

— Não acredito que ele seja um viciado — disse Celina. — Mas as más companhias, as festinhas... Tanto é que desde que chegou aqui sequer apanhou cigarro... cigarro comum de algum vaqueiro, não foi, pai?

— Ele está aqui na fazenda? — perguntei.

— O pai viajou para a Europa, e a mãe, para evitar essa coisa de-

sagradável com a polícia, mandou-o para cá, certa de que o avozi-  
nho poderia dar um jeito no traste — disse o coronel, meio aborre-  
cido.

— E onde eu entro nessa história? — perguntei.

O fazendeiro sorriu de leve e Celina disse:

— Já viajei com você pela floresta, Gavião Vaqueiro. Deve se lembrar de quando fomos atrás daqueles cavalos selvagens em Roraima.

— Sim, eu me lembro. Doutor Levilier estava com a gente e também meu amigo doutor Quizila. A sua égua appaloosa ainda está na fazenda?

— Ainda, e todo ano nos dá um belo potrinho... do Corisco.

— Belo garanhão. E seu neto, coronel, onde está? Suponho que queira que eu faça uma viagem pela floresta com ele.

— Sim, Gavião Vaqueiro, essa ideia me surgiu, e Celina concorda comigo. O menino precisa ser amansado, se assim posso dizer.

— Como um cavalo xucro?

— Exatamente. O nosso capataz, Eusébio, foi dar uma volta com ele pelos arredores da fazenda. Por enquanto, ele está entusiasmado com a fazenda e até já anda a cavalo razoavelmente. Mas sei que logo enjoará daqui e vai querer voltar para o convívio da sua turma do Rio de Janeiro.

— Poderia levar o Netinho a algum lugar especial, Gavião Vaqueiro? — perguntou Celina.

— Não sei, não pensei ainda nisso.

— Que tal o Xingu, para aquela tribo do seu amigo índio kamayurá? — indagou o coronel.

— Kaíto? Sim, senhor, é uma boa ideia. A viagem é longa, cheia de imprevistos... E ele pode até se dar bem com o filho de Kaíto. Um cavalo xucro a gente doma aos poucos, com mão de ferro e com mão de vento, como se diz. É um menino rebelde, coronel?

— Gavião Vaqueiro, vou lhe dizer logo uma coisa sinceramente. Você terá todo o poder sobre o meu neto nessa viagem. Saberá o que fazer. Só não quero que o mate.